



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA MARIA BELTRAN PAVANI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Ana Maria Beltran Pavani

Nascimento: 28.06.1946

Local da entrevista: Hotel Embaixador Porto Alegre

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 25.11.2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1h38min27seg

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Escola de Dança João Luiz Rolla; Metodologia de aula; Espetáculos da escola; Referências em jornais sobre a Escola; O professor João Luiz Rolla; Professores convidados; Relação entre as escolas de dança; Contato após formatura; Alunas com projeção na dança; Avaliação final do curso de balé; O público nos espetáculos; Lembranças pessoais; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 25 de Novembro de 2014. Entrevista com Ana Maria Beltran Pavani a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Gostaria que disseses o teu nome completo.

A.P. - Ana Maria Beltran Pavani

M.C. - Qual tua data de nascimento?

A.P. - 28 de junho de 1946. Eu nasci no dia da reinauguração do Teatro São Pedro.

M.C. - Tu és natural de onde?

A.P. - Quando eu nasci meus pais moravam no centro de Porto Alegre. Eles tinham vindo do interior. Eles moravam com a minha avó porque naquela época era difícil conseguir uma casa. Então meus pais compraram um terreno e construíram uma casa no bairro Glória. Minha família é de Porto Alegre. Meu pai era médico pneumologista, na época da guerra, e trabalhava nas minas de carvão onde os mineiros tinham muitos problemas respiratórios. Então ele era médico nas minas. Eles decidiram vir para Porto Alegre quando resolveram ter filhos. Porque eles acharam que, naquela época, no interior não tinha estrutura, não tinha escola, que era mais difícil. Então eles resolveram vir para Porto Alegre. Eu estudei no Colégio Americano e gostava muito da minha escola. Eu entrei no pré-primário e estudei lá a vida inteira. Eu amava meu colégio. Inclusive ontem eu dizia a uma colega que eu não quero voltar a ver minha escola. Eu a quero manter na minha memória como ela era. Eu nem passo perto do Colégio Americano quando eu venho aqui em Porto Alegre.

M.C. – Tu moras em que cidade?

P.A. - Eu moro no Rio de Janeiro desde 1971, mas eu passei um tempo nos Estados Unidos. Eu voltava com frequência a Porto Alegre para ver meus pais, quando eram vivos. Eu vinha todos os anos. Meu marido é gaúcho também. Então eu entrava de férias na PUC-Rio, marcava minha passagem, e vinha com as crianças. Meu filho Daniel faz quarenta anos este mês que vem e a minha filha Débora faz trinta e cinco. E eu fazia questão de passar as férias aqui pra eles conviverem com os avós. Ela morava numa casa, não morava em apartamento. Então era ótimo para as crianças ficarem na rua. Até quando morreu

minha mãe, depois morreu meu pai, minha sogra, meu sogro, minha irmã foi pro Rio de Janeiro e chegou uma hora que não tinha mais ninguém aqui da família. Então agora eu venho só profissionalmente a Porto Alegre.

M.C. - Qual é a tua formação profissional?

A.P. - Eu sou formada em Engenharia Elétrica pela UFRGS fiz mestrado e uma parte do doutorado nos Estados Unidos em Engenharia Elétrica. Meu marido trabalhava na IBM e foi transferido de volta para o Brasil. Então terminei o doutorado na UFRJ e trabalho na PUC Rio há trinta e oito anos e alguns meses. Sou professora lá. E agora depois de 1980 e alguma coisa pra cá eu comecei a trabalhar com informação digital e esse tipo de coisa.

M.C. – E como aconteceu a tua aproximação à dança. Como tu ficou sabendo da escola de João Luiz Rolla?

A.P. – Ah! Era coisa da minha mãe. Porque eu era muito criança. Minha mãe achava que, eu tenho uma irmã cinco anos mais moça do que eu, e minha mãe achava que a gente tinha que ter educação em dança, em música, em inglês, essas coisas. E aí me colocou na escola da Lya Bastian Meyer. Depois de algum tempo eu acho que ela ficou insatisfeita com alguma coisa... eu não tenho percepção de que, eu não lembro... e aí resolveu me tirar de lá. Foi em 1956 eu tinha dez anos. E ela me colocou no Rolla. O Rolla era uma pessoa maravilhosa às vezes ele tinha uns ataques... aquela vara dele batendo nas pernas da gente.

M.C. – O que tu lembras destes primeiros momentos na escola?

A.P. - Não lembro muitos desses momentos. Mas o que eu tenho na memória dele era aqueles olhos azuis maravilhosos! Por que ele tinha uns olhos azuis que pareciam duas contas! Uma enorme sobancelha. Sempre formalmente vestido. Sempre estava de calça, apesar de estar de sapatilha. Uma pessoa muito fina, muito educada. Ele tinha uns piripagues dele que vinha com a vara nas pernas da gente, mas assim, no trato ele era maravilhoso. Ele dançava em aula fazia as posições todas, ajudava a gente. Dançava assim de calça, mas se tu olhares os desenhos do Degas das bailarinas o professor também não estava com roupa de dança. As meninas estavam com aqueles tutus maiores não é... porque naquela época era tudo mais coberto, mas o professor não estava de roupa de dança estava vestido formalmente de século 19. Ele era uma pessoa que tinha um cuidado muito grande

com aparência dele sempre muito bem vestido, barbeado e ele era muito simpático, ele era muito legal. Tinha um sorriso muito bonito.

M.C. - Quando começaste a dançar na escola ele era teu professor?

A.P. – Sim. Eu dançava três vezes na semana: segundas, quartas e sextas. Por que os mais jovens era terças e quintas e os mais velhos era segundas, quartas e sextas nas classes mais adiantadas. No início da tarde. Eu lembro que eu saía do Colégio Americano e tinha que ir em casa correndo, despencada, porque tinha aula até meio dia e trinta não é... E ali no centro... o centro de Porto Alegre naquela época era uma delícia e não tem nada a ver com centro de hoje. A Rua da Praia era uma rua fina, de lojas finas, de confeitarias. Aliás, por isso que eu não gosto muito de andar hoje no centro. E aí eu me formei no balé e a minha formatura foi no ano em que eu terminei o ginásio. Quando eu vi que não tinha talento...[riso] eu disse “vou cuidar de outras coisas.” Eu me arrependo de ter saído, porque eu gosto muito de dançar. Acho que até eu voltaria a dançar como exercício por que eu acho a dança uma coisa assim maravilhosa.

M.C. – Gostaria que me falasses como era a metodologia dele em aula?

A.P. - Eu não sei se ele, porque eu só tenho marcado dele, porque na Lya eu era muito pequena... mas eu acho que a dança ela tem coisas que disciplinam a pessoa para a vida inteira. Eu vejo que a dança tem uma disciplina análoga à matemática. Eu gosto muito de matemática, porque matemática ela requer que a gente demonstre, demonstre, demonstre, para resolver os problemas etc... até que chega uma hora que ela se torna intuitiva. E pra mim isso é um paralelo com a dança que a gente repete, repete, repete até que consegue fazer a coreografia inteira sem pensar. Então eu acho que isso pra mim foi à coisa mais interessante que existiu. Formou uma disciplina da maneira como eu abordo os problemas. A outra coisa era que o Rolla era uma pessoa muito exigente não sei se as outras alunas te passaram essa percepção. Ele era muito exigente e isso eu acho uma coisa muito importante na formação de uma criança, de um adolescente. Isso ficava claro no comportamento, na aula e na maneira como a gente tinha que dançar, na exigência de técnica, de tudo. Ele estava sempre observando. A lembrança que eu tenho é que a correção durante os ensaios era pontual de vez em quando ele tinha uns *pitis* lá com a turma inteira se a gente conversasse... assim se não fizesse alguma coisa direito, mas no pessoal sempre era pontual. Aquela varinha dele deixava todo mundo em alerta. Alerta

vermelho! Em mim ele não bateu, mas ele fazia assim... cutucava... não era uma batida era cutucar pra colocar na posição. Até porque ele era homem e a gente era menina... essas coisas assim. Talvez se fosse uma professora mulher ela fosse com a mão dela na perna da gente. Porque existia muito preconceito dos contatos físicos. Então acho que ele usava a varinha porque ele tinha que dizer onde realmente era e como nós estávamos com a posição errada.

M.C. – Gostaria que tu me falasse sobre os espetáculos.

A.P. - Ele amava os espetáculos. A preparação dos espetáculos era uma coisa assim muito importante pra ele. Na minha época só tinha um espetáculo por ano. Eu acho que a gente começava a ensaiar mais ou menos assim fim de maio, início de junho. Porque a gente ensaiava vários meses. Normalmente a apresentação era na primavera, setembro, outubro. E aí ele decidia quem dançava o que. Não tinha muita democracia. Ele que determinava: vai fazer isso, vai fazer aquilo. Mas tava certo porque esta decisão era baseada na visão que ele tinha do conjunto, das habilidades de cada uma. A Sônia Lemke era uma bailarina maravilhosa. Ela era uma pessoa com uma presença no palco. Ela fez inclusive o nascer do sol no espetáculo Grand Canyon Suite. Me lembro muito de quando começava o espetáculo o Rolla passava por todo mundo desejando merda pra todo mundo. Porque isso é típico de teatro não é... mas ele passava e dizia merda, merda, merda, merda e todo mundo sabia que era para dar certo o espetáculo! Isso me lembro bem. Depois a emoção de quando abria a cortina do espetáculo a Ester Nisejleti tocando. Eu acho que uma vez ele fez o espetáculo com a OSPA, mas não era o normal foi uma coisa assim meio circunstancial.

M.C. – Lembras de algum espetáculo que te marcou mais...

A.P. – Eu acho que eu gostei muito do Brahms porque eu gosto muito da musica do Brahms. Eu aprendi a gostar do Brahms por causa desse espetáculo. Teve um espetáculo que eu não dancei, neste a Manon Freire dançou. Que era uma música americana, moderna, estou tentando lembrar como era o nome da música... a gente dançava num bar de Nova York e tinha uma briga... a era Assassinato na décima avenida! Porque a gente nessa época era bem mais jovem. A Manon Freire era bem mais velha. Eu lembro da roupa dela uma roupa vermelha. A minha avó era costureira. Então a minha vó fazia as roupas pra gente. Ela fazia as minhas roupas e de algumas colegas minhas que contratavam a minha

avó para fazer. Mas esse espetáculo Assassinato na décima avenida era muito bonito! Era uma dança muito sensual e não era esperado isso de uma escola que tinha meninas de boa família. Eu dancei nesse espetáculo, mas eram as coisas mais de criança. A Manon que tinha quatro anos mais do que eu que dançou.

M.C. – O que significava dançar na escola de João Luiz Rolla?

A.P. - Ela era uma boa escola. A minha percepção é que quando a gente foi pra lá ela era uma escola ascendente. Eu acho que as outras duas já estavam assim escolas um pouco descendentes. Até acho que elas acabaram antes da escola do Rolla porque elas eram bem mais velhas a Lya e a Tony.

M.C. – O que tu podes me dizer sobre as críticas que os jornais de Porto Alegre publicavam?

A.P. - Eu me lembro que os meus pais iam ler o jornal O Correio do povo no dia seguinte para saber o que tinha saído, para ver os comentários. Porque era um acontecimento em Porto Alegre. Nesse tempo, também, Porto Alegre era uma cidade muito pequena a visão das pessoas... o mundo era muito diferente na década de 50.

M.C. – Como ele era como professor?

A.P. - Em primeiro lugar ele parecia ser uma pessoa muito inteligente. Uma pessoa que captava as coisas. Ele observava muito mais do mundo do que aquilo que ele transmitia. Até acho pela posição dele de homossexual que naquela época tinha que ter uma autocensura muito maior. Eu não tenho certeza que ele era homossexual, mas ele levava o jeito. Ele era muito afeminado, talvez não fosse homossexual, fosse afeminado. Eu acho que por isso ele também se controlava muito. Eu acho que na sala de aula ele era de um jeito e conversando na sala de espera ele era de outro. Era muito mais afável a impressão que eu tenho é que quando ele entrava na sala de aula ele incorporava o professor. Muito perspicaz, ele tinha uma visão de tudo o que estava se passando na sala. Muito agradável. Minha mãe adorava o Rolla. Uma pessoa muito boa de conversar e a impressão que eu tenho, naquela época, era que ele era uma pessoa muito culta, pelo menos na área dele. Conhecia música muito bem, conhecia história dos balés. Ele contava pra gente as histórias e eu acho que isso era uma parte muito importante. Porque a dança tem toda a história, as primeiras coreografias que foram feitas quando iniciou aqueles balés russos que vinha um

grande coreografo com coreografia de Petipa... não sei mais quem... E isso aí ele contava pra gente pelo menos para quem era interessado. Então eu acho que isso era um valor agregado que ele tinha.

M.C. – Tu lembras da participação de professores convidados na escola?

A.P. - Eu lembro de um que vinha de Buenos Aires, porque este veio uma porção de vezes. Isso eu tenho de memória. Tinha um cara que vinha de vez em quando... eu não sei se ele morava aqui no Brasil... ele era um francês... Jean Dubois! Mas lembro dele como partner nos espetáculos.

M.C. – E quais eram as escolas de dança com expressiva ação artística em Porto Alegre?

A.P. – A Lya Bastian Meier, a Tony Seitz Petzhold e João Luiz Rolla. Tinha uma de um homem que eu não lembro se era em São Leopoldo e eu não lembro o nome dele...

M.C. – E como era a relação destas escolas?

A.P. – Ele assistia os espetáculos delas porque até como ele era uma pessoa que queria sempre fazer o melhor se ele não soubesse o que o outro estava fazendo e quais tinham sido as avaliações... Acho que foi com ele, que ele levava a gente para o teatro quando vinha alguma bailarina. Eu lembro que uma vez eu fui ao Teatro São Pedro com ele eu era bem... logo que eu entrei. Tinha vindo uma bailarina internacional... Tamara Toumanova... uma dessas que fez uma turnê pela América Latina e ele ia com quatro alunas. Eu acho que os pais entregavam a gente no São Pedro não lembro bem... mas eu lembro bem da gente no teatro com ele. E ele fazia isso com diferentes grupos.

M.C. - Depois de concluído o curso tu tiveste algum contato com ele?

A.P. – Não. Não tive mais contato com ele.

M.C. – Tu sabes me contar de alguma colega que tenha feito carreira na dança?

A.P. - Eu ouvi dizer que a Zelira¹ foi trabalhar na ESEF depois que ela se formou. Eu só não sei se era com dança ou se era com esporte que ela fez. Que eu saiba só ela. As outras eu perdi o contato.

¹ Zelira Eichemberg, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

M.C. – Como era a relação com as famílias das alunas da escola?

A.P. - Eu nunca soube disso ele era muito resguardado. Pelo menos a minha percepção não sei se ele fazia isso com outras famílias de alunos. Ele conversava muito com a minha mãe. Minha mãe era uma pessoa muito curiosa. Minha mãe tocava piano durante muitos anos. Ela gostava muito de música. Então acho que é por isso que eles conversavam.

M.C. – Como era realizada a avaliação final de curso na escola?

A.P. - Eu lembro que no último ano a gente tinha até que fazer uma pequena coreografia cada uma de nós. Eu não lembro de ninguém de fora na banca de avaliação, se tinha alguém não está na minha lembrança. Nessa pequena coreografia a gente escolhia a música E eu escolhi “pavana para uma criança morta”. A pianista tocava na hora e quando terminava tinha um coquetel, salgadinhos, os pais estavam lá.

M.C. – Existem registros de quadros entregues as alunas que eram assíduas ou se destacavam. Tu te recordas disto?

A.P. - Acho que sim... isso é uma coisa que eu tinha varrido da minha memória! Mas eu acho que tinha algo nesse sentido... e até acho que ganhei porque eu sempre fui pontual e assídua. Tem algumas coisas que fogem da cabeça da gente e outras que não fogem que a gente mantém.

M.C. – Gostaria que me falasse como era a relação entre as colegas na escola.

A.P. - Eu sempre tive uma consciência da minha limitação para ser bailarina. Então eu não tinha expectativa que ele fosse me escolher como primeira bailarina. E eu reconhecia os talentos das outras. Eu particularmente acho que a Sônia Lemk era muito melhor do que a Zelira Eichemberg. A Sônia tinha uma técnica que a mão dela era diferente... ela tinha uma postura... eu acho que as bailarinas normalmente ela não parecem ser deste mundo... elas parecem muito mais etéreas! E a Zelira era mais baixinha, gordinha... ela era gordinha naquela época e a Sônia sempre foi muito esguia. Então a Sônia tinha um aspecto de bailarina. Os braços longos, as pernas longas, e ela dançava muito bem. Ela tinha aquela postura que era natural dela. Mas daí o Rolla fazia as escolhas. Mas realmente elas eram as duas melhores. Mas para mim era natural se eu não faço direito eu não vou querer fazer na frente dos outros.

M.C. – Gostaria que me falasses sobre o público nos espetáculos.

A.P. - Isso é uma coisa que a minha mãe comentava: o teatro São Pedro estava lotado! Eu lembro da aflição dos meus pais, naquela época, imagina, não tinha internet não tinha nada. O Correio do povo não tinha na segunda feira e a folha da tarde não tinha no domingo. Então tinha que esperar o jornal ser entregue no outro dia de manhã. Meu pai tinha assinatura do Correio do povo. Dançava no sábado e tinha que esperar até terça feira.

M.C. – Após a formatura algumas alunas seguiram dançando. Por que tu parou?

A.P. - Foi porque eu estava gorda. E eu achei que não estava fazendo aquilo direito. E acabou virando certa frustração para mim. Por que eu sou perfeccionista e eu resolvi fazer coisas que eu achava que poderia fazer e ter uma recompensa interior melhor porque eu sei que vou fazer bem. Eu não deixei de gostar de balé, eu adoro. Mas eu fiz uma opção de o que eu me sinto melhor. Então entre ficar frustrada não fazendo direito o que eu estava fazendo eu resolvi largar o balé e aí fui para o científico, para os estados unidos. Foi por opção porque tinha muito mais habilidade para lidar com matemática do que para dançar.

M.C. – Tu havia me dito que tens algumas lembranças especiais...

A.P. - Eu tenho algumas lembranças, por exemplo, dia do professor todo mundo levava presente pra ele na escola. A gente entrava tinha uma sala de espera e depois à esquerda tinha um vestiário, junto tinha o banheiro. Dava pra acessar o banheiro tanto de vestiário como da sala de espera e depois tinha a sala com vidro com a divisória de madeira até certa altura. Do outro lado da sala de aula tinha um balcão enorme que ele guardava um monte de cacarecos que eu não sei o que era. Mas no dia dos professores ele ganhava os presentes e colocava em cima daquele balcão. Eu me lembro de um dia que ele dividiu com a gente uma caixa de bombom sonho de valsa! Olha a lembrança que eu tenho... Também quando eu estava lá no Rolla em 1958, 59 e eu tinha uma colega chamada Neusa Guedes Frasca e naquela época tinha aqueles rádios gigantesco valvulares que a gente ligava o rádio e esperava as válvulas aquecerem. Até que surgiram os rádios de pilha. E eu estou falando de coisas que tu não deves nem imaginar porque isso agora, como engenheira, eu vejo que era uma mudança de tecnologia de paradigma. Que são sistemas muito menores que consomem menos energia. Poderia funcionar com pilha, mas imagina colocar pilha num rádio daqueles? Ele ia funcionar 2 minutos [risos] E a Neusa tinha o primeiro rádio de pilhas que eu vi! Porque o rádio era rádio com transistor. E as pessoas chamavam aquilo de

transistores! Mas não era um transistor era um rádio! E este rádio da Neusa tinha pilhas e não era ligado na tomada. E aí olha só, era um radinho pequenininho e ficava numa bolsinha de couro a tiracolo. Então a Neusa chegava àquilo era assim um status e todo mundo olhava que coisa maravilhosa ligar o rádio e funcionava. Então são coisas desse tipo, os bombons que te falei até hoje eu lembro porque os bombons “sonho de valsa” vinham de São Paulo eram da Lacta. Naquela época aqui era a Neugebauer...

M.C. – Então neste momento que vamos encerrar a entrevista deixo um espaço para fazeres um registro final.

A.P. - Bom eu gostava muito da escola, eu gostava muito do professor Rolla e eu acho que ajudou muito na minha formação como pessoa. Aquilo que eu te falei a disciplina, o método, a visão de conjunto. Porque não adianta a pessoa só fazer bem. Porque uma das coisas que se falava, minha mãe falava, que gostava de ver na escola do Rolla é como as pessoas eram parelhas. Que a coreografia era feita simultaneamente ele tinha esse acabamento e isso tudo pra nós, como pessoas, faz parte da formação. Fez parte da formação! Eu acho que como pessoa como profissional o balé contribuiu muito pra mim. Independentemente de eu não ter me tornado bailarina profissional. Porque até hoje eu tenho uma agilidade que não é normal em uma pessoa de quase 70 anos! Eu sou completamente elástica. Eu comecei a trabalhar isso muito jovem eu comecei a dançar com três anos. Porque a minha mãe queria porque queria que eu começasse. E eu estudei onze anos balé e terminei com catorze anos e meio. Eu tenho aqui algumas fotografias desta época que gostaria de te passar para registro no Centro de Memórias da UFRGS, aproveito para registrar nesta entrevista que autorizo a divulgação destas imagens.

M.L. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista e a doação destas fotografias.

[FINAL DA ENTREVISTA]